

A LINGUAGEM CÔMICA EM *NUVENS*, DE ARISTÓFANES:
UMA CRÍTICA À EDUCAÇÃO SOFÍSTICA*

Tharlles Lopes Gervasio (UERJ e UFF)
ttallenglish@hotmail.com

1. Introdução

Sabe-se que a comédia antiga ateniense, cujo principal representante foi o comediógrafo Aristófanes (447-385 a.C.), apresenta relação direta com a realidade contemporânea da Atenas do V século a.C., uma vez que privilegia, para os seus temas, o cotidiano objetivo e imediato da *pólis*, do qual transfigurou os problemas e as crises. Todavia, o texto cômico não tem por obrigação ser cópia fiel da realidade, já que a ele se associam a fantasia e a utopia, que transformam as questões reais em projetos utópicos e asseguram, de modo geral, a cada peça cômica um “final feliz”.

Nosso trabalho, entretanto, não visa a estudar um determinado tema em toda a produção teatral de Aristófanes, mas detém-se na comédia *Nuvens*, representada em 423 a.C., durante o festival das Grandes Dionísias (Διονύσια μεγάλα)¹⁷. A maior parte de sua produção literária foi elaborada num período em que a sociedade ateniense se encontrava em situação caótica, motivada pela decadência do sistema democrático posto em prática pelo *stratēgós* Péricles, em virtude da extensa Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), que opôs as duas maiores potências da Grécia, Atenas e Esparta, e das deficiências internas decorrentes dessa guerra fratricida.

Assim, por ser essencialmente política, ou seja, por estar em harmonia com a vida da *pólis*, a comédia aristofânica trouxe à cena não somente situações do cotidiano cívico, mas também temas outros, como a religião, a literatura, a educação, pertencentes todos ao universo da cidade.

* Este trabalho faz parte da pesquisa *Crítica à Educação Sofística na Comédia Nuvens, de Aristófanes*, realizada com o fomento da FAPERJ e orientada pela Prof^ª Dr^ª Glória Braga Onelley (UFF).

¹⁷ As Grandes Dionísias, realizadas na cidade de Atenas, opõem-se às Dionísias Rurais (ta_kat'arjgou&j Dionu&sia) ou Pequenas Dionísias (mikra_Dionu&sia), festejadas nos distritos rurais no mês de dezembro.

Um dos alvos de crítica mordaz do comediógrafo foi o novo modelo de educação que vinha sendo implementado na *pólis* pelos sofistas, em substituição ao modelo tradicional, que não mais se adequava à formação do *polítes*.

Do currículo enciclopédico por eles posto em prática, duas disciplinas se destacaram no plano educativo: a dialética e a retórica, cujos métodos e cujas práticas visavam à transformação do homem em um cidadão preparado para atuar de modo eficaz na vida pública.

A crítica a esse novo modelo educativo se vislumbra na comédia *Nuvens*, na qual se apresenta a caricatura de uma escola sofística, que tem na figura do popular Sócrates, identificado com os sofistas, o seu principal representante. Na peça, esse filósofo é caricaturado como um homem que se utiliza de seu bom conhecimento de oratória para trapacear, inverter valores, isto é, fazer com que o argumento justo se torne injusto e vice-versa, conduzindo seus discípulos pelo mesmo caminho.

Buscamos, pois, com esse trabalho, mostrar, por meio da distorção e do exagero dos episódios encenados, a visão do comediógrafo Aristófanes sobre a educação sofística e apresentar como a realidade ficcional, cuja base é o cotidiano transfigurado pela lente deformadora do comediógrafo, pode aludir à realidade objetiva. Com efeito, essa realidade de dialoga frequentes vezes com a ficcional.

Quanto à nossa tradução, cumpre ressaltar que abreviamos os nomes próprios dos personagens e a referência aos discípulos de Sócrates da forma seguinte: Estrepsiades (Estrep.), Fidípides (Fidíp.), Sócrates (Sócr.) e discípulo(s) (Discíp.).

2. Considerações sobre a comédia *nuvens*

Levada à cena em 423 a.C., a representação no festival das Grandes Dionísias pelo comediógrafo Aristófanes, a peça *Nuvens*¹⁸ aborda as peripécias de Estrepsiades, velho camponês de costumes rústicos, e de seu filho Fidípides, jovem amante de cavalos. Esse rapaz é fruto da união de um homem sem quaisquer aspirações culturais, rude, portanto, com

¹⁸ A peça obteve o terceiro e último lugar, o que levou o comediógrafo, algum tempo depois, a fazer algumas alterações na peça. Entretanto, como assevera a crítica moderna, não se tem conhecimento nem da data desta refundição nem das passagens alteradas e, tampouco, se a nova versão foi representada.

uma mulher de hábitos da aristocracia cidadina ateniense, que não se preocupava com gastos. Desse modo, ainda que Estrepsiades desejasse educar o filho segundo os princípios da educação tradicional, Fidípides, herdeiro dos hábitos advindos de sua mãe, era amigo dos cavaleiros de classe elevada e nem por um momento se mostrava comedido ao fazer gastos demasiados pela loucura que tinha por cavalos, tornando, com isso, seu pai vítima fácil dos credores.

O tal incômodo de que sofre Estrepsiades é apresentado, então, no momento do prólogo, que, segundo Luís Gil Fernández, ao comentar o que postula Aristóteles em sua Poética, afirma com propriedade que:

Para el prólogo vale la definición del prólogo trágico propuesta por Aristóteles como la parte de la obra que precede a la entrada del coro en la orquesta. Sirve para poner al espectador en contacto con el héroe cómico y con el tema cómico. El próprio protagonista hace en monólogo, o en diálogo con un compañero la exposición del problema (FERNÁNDEZ, 1996, p. 23).

O prólogo é, portanto, uma parte da obra precedente ao momento da apresentação do coro na orquestra, na qual o personagem principal objetiva cativar a simpatia dos espectadores e chamar-lhes a atenção para o assunto da peça. Em *Nuvens*, quem nele aparece é o velho endividado Estrepsiades – figura que, por fazer parte do *hall* das *personae* cômicas de nome motivado, traz na semântica de seu nome a raiz do verbo στρέφω, que significa, entre muitas outras acepções, “virar-se, dar voltas no mesmo lugar, agitar-se, preocupar-se, enrolar-se”. Com efeito, apresentar-se insone, dando voltas de um lado para o outro na cama, atormentado pelas dívidas e, em contrapartida, descrever-nos a tranquilidade do filho que sonha com cavalos constituem a tônica dos versos 1-10:

ΣΤΡΕΨΙΑΔΗΣ

Ἰού ἰού·
ὦ Ζεῦ βασιλεῦ, τὸ χρήμα τῶν νυκτῶν ὅσον·
ἀπέραντον. Οὐδέ ποθ' ἡμέρα γενήσεται;
Καί μὴν πάλαι γ' ἀλεκτρυόνος ἤκουσ' ἐγὼ.
Οἱ δ' οἰκέται ῥέγκουσι. Ἄλλ' οὐκ ἄς πρὸ τοῦ.
Ἀπόλοιο δῆτ', ὦ πόλεμε, πολλῶν οὔνεκα,
ὅτ' οὐδε κολάσ' ἐξεστί μοι τοὺς οἰκέτας.
Ἄλλ' οὐδ' ὁ χρηστὸς οὔτοσι νεανίας
ἐγείρεται τῆς νυκτός, ἀλλὰ πέρδεται
ἐν πέντε σισύραις ἐγκεκοδυλημένος.

ESTREPSÍADES:

Oh! Oh!!!

Ó soberano Zeus, como é longa esta noite!

Infundável!!! Nunca amanhecerá o dia?

E faz pouco tempo que ouvi (cantar) o galo.

E os escravos estão roncando... Mas antes não roncariam...

Que possas acabar, ó guerra, por mil razões, porque
não posso nem castigar os escravos

Mas esse honesto jovem aí não acorda durante
a noite, mas fica soltando traques,
enrolado em cinco cobertores.

(*Nuvens*, vv. 1 – 10)

É essa primeira apresentação de acontecimentos, no início da peça que norteia a sucessão dos demais fatos. Assim, vitimado pela insônia por conta dos juros cobrados pelos credores, e impossibilitado de saldar as dívidas causadas pelo vício de seu filho, o velho Estrepsíades, mesmo com toda sua falta de instrução, dá-se conta de que, próximo à sua casa, há um lugar chamado φροντιστήριον¹⁹, lugar onde se pensa”; donde “Pensatório”, frequentado por homens de pele amarelada, isto é, de palidez excessiva advinda da reclusão com finalidade intelectual – como são descritos os sofistas no verso 103 da peça em pauta – e de hábitos curiosos, distorcidos pela ótica do rústico personagem como capazes de livrá-lo de suas dívidas:

τοὺς ὠχρῶτας, τοὺς ἀνυποδήτους λέγεις [...].

Estás falando desses amarelentos, desses descalços [...].

O equívoco do personagem em relação à atuação dos sofistas contribuiu, de modo jocoso, para que a peça do comediógrafo Aristófanes se tornasse um documento literário de primeiro nível para avaliarmos o que havia de novo na educação do período. Como bem sustenta Maria de Fátima de Souza e Silva (2008, p. 72), por meio da figura de Estrepsíades, como representante de uma tradição, Aristófanes faz também uma crítica mordaz aos demais pensadores do período de apresentação da peça, os quais traziam à baila questionamentos acerca dos deuses, ou seja, das crenças, dos modos de vida e, até mesmo, dos princípios do homem grego ateniense, em virtude de o ceticismo e o ateísmo terem derrubado as crenças tradicionais até então aceitas como incontestáveis.

¹⁹ Frontisth&rion é uma palavra grega composta do radical do verbo fronti&zein, “pensar”, e do sufixo de lugar (onde) –th&rion, daí ser *Phrontistérion* o lugar onde se pensa, Pensatório.

Faz-se mister ressaltar, ainda, que o tom pálido da pele de Sócrates e de seus discípulos descrito por Aristófanes aponta para um fator de diferenciação dos gêneros na Grécia antiga, visto que, normalmente, por ficarem reclusas nos afazeres domésticos, as mulheres possuíam essa palidez em oposição ao tom de pele masculino, já que os homens, por terem suas atividades voltadas para o exterior da casa, tinham maior exposição ao sol e, portanto, uma coloração mais saudável.

A esse fato podemos acrescentar a ideia de que Aristófanes, quando descreveu como pálidos todos os confinados do Pensatório, poderia não só querer aludir a uma extrema reclusão para dedicação intelectual, mas também desejava imprimir certo traço de feminilidade a todo esse grupo de pálidos (GRIPP, 2009, p. 32).

Sentindo-se velho e desmemoriado demais para o aprendizado dos artificios do saber, Estrepsíades, então, pensa em enviar seu jovem e saudável filho para o Pensatório, onde, ouvira dizer, que se formavam discípulos nas sutilezas da oratória. Todavia, ao tomar conhecimento da ideia de seu pai, o rapaz hesita, por conhecer como verdadeiros charlatães aqueles que lá habitavam e por não querer perder sua aparência saudável de cavaleiro de vivência aristocrática para adquirir a cor amarelada que, segundo pai e filho, os sofistas possuíam. Isso já demonstra certo remoque ao novo modelo de ensino como algo que diferenciava, de certa forma, os alunos do Pensatório do que era “moda” entre os jovens cavaleiros, dando aos primeiros uma aparência estranha, como fica bem claro nos versos seguintes:

Στ. Δεῦρό νυν ἀπόβλεπε.
Ὅρῳς τὸ θύριον τοῦτο καὶ τοῖκίδιον;

Estrep. Olha aqui então!
Estás vendo aquela portinha e aquela casinha?

Φε. Ὅρῳ. Τί οὖν τοῦτ' ἐστὶν ἑτεόν, ᾧ πάτερ;
Fidíp. Estou vendo. Pai, na verdade, o que é aquilo?

Στ. Ψυχῶν σοφῶν τοῦτ' ἐστὶ φροντιστήριον.
Ἐνταῦθ' ἐνοικοῦσ' ἄνδρες οἱ τὸν οὐρανὸν
λέγοντες ἀναπέιθουσιν ὡς ἐστὶν πνιγεύς,
κάστιν περὶ ἡμᾶς οὗτος, ἡμεῖς δ' ἄνθρακες.
Οὔτοι διδάσκουσ', ἀργύριον ἢ τις διδῶ,
λέγοντα νικᾶν καὶ δίκαια κᾶδικα.

Estrep. Aquilo é o Pensatório das almas sábias.
Ali habitam homens que quando falam do céu,
convencem de que é um forno e que ele está

à nossa volta e nós somos os carvões.
Eles ensinam, se alguém lhes dá dinheiro,
a vencer com discursos nas causas justas e injustas.

Φε. Εἶσιν δὲ τίνες;

Fidíp. Quem são eles?

Στ. Οὐκ οἶδ' ἀκριβῶς τοῦνομα.
Μεριμνοφροντιστὰὶ καλοὶ τε κάγαθοί.

Estrep. Eu não sei o nome exatamente.
São medítábundos honrados e respeitados.

Φε. Αἰβῶί, πονηροὶ γ', οἶδα. Τοὺς ἀλαζόνας,
τοὺς ὠχρῶντας, τοὺς ἀνυποδήτους λέγεις,
ὧν ὁ κακοδαίμων Σωκράτης καὶ Χαίρεφῶν.

Fidíp. – Ah, uns infelizes, eu sei! Estás falando desses charlatães,
desses amarementos, desses descalços, entre os quais
estão o miserável Sócrates e Querefonte.

(*Nuvens*, vv. 94-108)

Pelo diálogo estabelecido entre pai e filho, no momento de sugestão para a entrada deste último no Pensatório, percebemos a surpresa de Estrepsíades, ao descrever os sofistas como possuidores de “almas sábias” e anunciantes de saberes científicos que tomavam por base técnicas inovadoras, capazes de explicar, por exemplo, o incrível ciclo das águas das chuvas ou modificar toda uma tradição mitológica ou, ainda, fazer prevalecer, por mais complexas que fossem as posições jurídicas, a tese mais fraca (ou injusta) sobre a mais forte (ou justa).

Sabe-se que, até o século em que a peça fora encenada, a educação tradicional se compunha de três disciplinas nas quais os educadores se distribuíam entre as seguintes áreas: o *grammatistés* cuja função era ensinar toda a designação gráfica de alguma coisa, isto é, a leitura, a escrita e os cálculos. É importante ressaltar a unanimidade de alguns helenistas quanto à aplicação de textos de poetas do passado para a instrução de crianças, com vista à memorização. Já o *paidotribes* ensinava exercícios corporais às crianças, com a finalidade de formar cidadãos aptos a defender a pátria. Quanto ao *chitaristés*, instruía os aprendizes música²⁰.

²⁰ Cf. ROCHA PEREIRA, 2006, p. 452; R. PFEIFFER, 1968, p. 52.

Como já se referiu, os sofistas do Pensatório possuíam um saber enciclopédico e pragmático e estavam voltados para uma filosofia de vida “prática”, que lhes proporcionava alguma remuneração (*Nuvens*, vv. 101 – 102). Logo, pode-se inferir que a educação remunerada surgiu no século V a.C. com os sofistas, os quais trouxeram para a realidade ateniense disciplinas que, atualmente diríamos, pertencem à área universitária e eram consideradas essenciais para constituir, segundo eles, a formação do indivíduo.

Já que o personagem Fidípides demonstra aversão e desaprovação pelo aspecto físico dos discípulos do Pensatório e pela educação sofisticada, o desesperado Estrepsiades toma para si próprio o desafio de ingressar na escola sofisticada que, nas falas já citadas das personagens apresentadas, é encabeçada pelo filósofo Sócrates, como se ele fosse a “máscara” do grupo dos sofistas, o “sábio dos sábios”²¹ Estrepsiades, como qualquer herói cômico, toma a decisão de frequentar o Pensatório por acreditar cegamente em seus objetivos, cruzando, portanto, o horizonte que o permite sair do âmbito discursivo e encarar a prática. Isso porque o herói cômico tem, em geral, como característica ser resiliente até mesmo em seus discursos e atitudes. Esse tipo de herói sempre age como elemento libertador da vida pública, dos problemas decorrentes de qualquer ordem, é livre para se aventurar segundo seu ideal, sendo até mesmo portador de um ideal de liderança que passa segurança para o seu grupo ou denunciador de uma realidade conflituosa, instável, como acontece com o rústico e endividado herói de *Nuvens* (NAVARRO, 1978, p. 147).

Ao chegar ao lugar habitado pelas “almas sábias”, o velhaco Estrepsiades, desejando provar aos credores, por meio do domínio da técnica persuasiva, não ser devedor do que de fato devia, é recebido por um dos discípulos dos mestres do saber que rapidamente reprime o velho por dar murros e pontapés na porta para ser atendido:

Μα. Ἀμαθῆς γε νῆ Δί', ὅστις οὐτῶσι σφόδρα
ἀπεριμερίμῳως τὴν θύραν λελάκτικας
καὶ φροντίδ' ἐξημβλωκας ἐξηρημένην.

Discíp. Ignorante, por Zeus, por que tu
chutaste assim tão estupidamente a porta?
Fizeste abortar uma ideia já encontrada.

²¹ Com efeito, na interpretação de Kenneth Dover (*apud* Bruno Salviano Gripp, 2009, p. 23), a crítica feita por Aristófanes em *Nuvens* não se volta a um filósofo “ou a um pensamento em particular, mas a um γε&no; i.e. um tipo, uma *idee* de pensador, e, como Sócrates era o mais famoso de seu tempo, ele consequentemente seria o seu alvo preferido”.

Com base no passo citado, sobretudo no verso em que o discípulo diz ao velho camponês que ele acaba de provocar o “aborto” de uma ideia, verifica-se uma alusão à técnica da maiêutica, em que Sócrates conduzia seus interlocutores ao “parto das ideias”, por meio de questionamentos. Com efeito, Sócrates era filho da parteira Fenárete, de quem se dizia herdeiro na arte de assistir ao nascimento de novas ideias, conforme atestam passagens do diálogo platônico *Teeteto* VI, 149a e VII, 150 c, respectivamente:

Sócrates: E nunca ouviste falar, meu gracejador, que eu sou filho de uma parteira famosa e imponente, Fenárete?

Teeteto: Sim, já ouvi.

Sócrates: Então, já te contaram também que eu exerço a mesma arte?

Sócrates: A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das Parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, Porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, Em seu trabalho de parto (...).

(Tradução de Carlos Alberto Nunes.
In: PLATÃO, *Diálogos. Teeteto-Crátilo*)

3. *Crítica à educação sofisticada*

Tendo já admitido que a comédia ateniense antiga tinha, além de entreter o público, de desempenhar uma função didática, isto é, possuir valor propedêutico, por meio da peça em análise, somos incitados a concluir que, em sua encenação, se objetivava, antes de qualquer coisa, como valor instrutivo, fornecer ao público possíveis elementos – mesmo que transfigurados – para que ele tivesse uma visão crítica acerca dos temas nela abordados pelo comediógrafo. Na verdade, a comédia, para cumprir esse papel didático, encarava a invectiva pessoal como um manancial de ensinamentos e conselhos, a que qualquer educador do povo podia recorrer. Como bem observaram Maria de Fátima Sousa e Silva e Custódio Mangueijo (2006, p. 9), o comediógrafo tinha ciência de que a função didática de sua arte podia gerar descontentamento a quem a crítica se destinava.

Ratificam-no os versos 500 e seq. da comédia mais antiga do comediógrafo que nos chegou na íntegra, *Acarnenses*, encenada em 425 a.C.:

O que é justo é também do conhecimento da comédia
Ora, o que vou dizer pode ser cáustico, mas justo é.

No caso de *Nuvens*, esses elementos fornecidos ao público não se detêm simplesmente nas mazelas do contexto da *pólis* ou em acontecimentos da vida política – como muito comum até mesmo em outras peças do próprio Aristófanes, como em *As Vespas* ou *Lisístrata* –, mas muito além disso: traz ao seu público invectivas diretas a um dos mais importantes filósofos do mundo grego, o grande estudioso Sócrates.

O fato de o comediógrafo pôr Sócrates em cena não significava sua aversão por ele. O Sócrates de *Nuvens*, como já comentado, não apenas integra o grupo de sofistas ao qual o filósofo se opunha, mas também traz em si uma “capa” a qual proporciona aos espectadores motivos cabais para uma possível ojeriza pela figura do filósofo, visto que o Sócrates apresentado aqui – e não somente o grupo de sofistas – é alguém sem escrúpulos por encabeçar aqueles que adotam o modo de educação em que o discurso é o centro de tudo, é capaz de promover sucesso em todos os campos de seu uso, sobretudo para fins iníquos. Cabe ressaltar, entretanto, que as *Nuvens* são uma comédia dirigida contra os sofistas e não contra Sócrates que talvez tenha sido escolhido como o principal representante do Pensatório, não por reproduzir a imagem do genuíno modelo da sofística, mas por ser o filósofo mais conhecido e popular da Atenas de então.

Aristófanes parece não economizar invectivas quando seu humor ácido é dirigido ao pensador Sócrates, uma vez que, em diversos passos da peça, somos convidados a rir das zombarias a ele feitas. Exemplo significativo, entre outros, são os versos em que um dos discípulos relata ao velho Estrepsiades que o Sócrates de *Nuvens*, ao investigar os astros, é surpreendido por uma lagartixa que, ao defecar do alto, faz com que suas fezes caiam na boca do filósofo:

Στ. Τίνα τρόπον; Κάτειπέ μοι.

Estrep. De que modo? Fala-me!

Μα. Ζητούντος αὐτοῦ τῆς σελήνης τὰς ὁδοὺς
Καὶ τὰς περιφορὰς, εἶτ' ἄνω κεκηνότος
ἀπὸ τῆς ὀροφῆς ζύκτωε γαλεώτης κατέχεσεν

Discíp. Enquanto ele buscava os caminhos da lua e suas evoluções, e, por estar de boca aberta, olhando para o alto, uma lagartixa malhada cagou lá de cima do teto.

Στ.^ο Ἡσθην γαλεώτη καταχέσαντι Σωκράτους.

Estrep. Fiquei feliz com uma lagartixa malhada cagando em Sócrates.

(*Nuvens*, vv. 170 – 4)

Por meio desses versos, percebemos que o Sócrates retratado pelo comediógrafo Aristófanes parecia estar vorazmente dedicado a fazer elucubrações quase mesmo absurdas para o período, tirando do filósofo, desse modo, o status de grande pensador que buscava resposta para assuntos que, de fato, trariam algum valor ou engrandecimento pessoal ou social para o seu discipulado. Além disso, vemos no último verso do fragmento apresentado o gozo escarnecedor expresso pelo velhaco personagem ao saber que a lagartixa defecara na boca do mestre do Pensatório.

Influenciado por uma ação dionisiaca, segundo A. M. Bowie (1993, p. 16), o autor cômico, além de fazer uso da vulgaridade e obscenidade, traz à tona, em suas peças, elementos ou pessoas reprimidas de certa maneira pelo social ou ainda emoções que não ganhavam espaço no cotidiano cidadão. E embora seja bastante comum que as sátiras inseridas nas comédias tragam em si evidências dos desejos mais suprimidos do homem, já que essa representação tem como regente o espírito dionisiaco, é latente que a verdade do Sócrates, vista em *Nuvens*, é extremamente destoante de sua identidade real, podendo ser retratado na comédia como alguém possuidor de hábitos atinentes, até mesmo, a um larápio, *ipsis litteris*, por ser capaz de “surripiar” algo para conseguir alimento:

Μα. Ἐχθες δε γ' ἡμῖν δεῖπνον οὐκ ἐσπέρας.

Discíp. Ontem mesmo, nós não tínhamos o que jantar à noite.

Στ. Εἶέν. Τί οὖν πρὸς τ' ἄλφιτ' ἐπαλαμῆσατο;

Estrep. Pois bem! O que ele arranjou para comer?

Μα. Κατὰ τῆς τραπέζης καταπάσας λεπτήν τέφραν,
κάμψας ὀβελίσκον, εἶτα διαβήτην λαβών,
ἐκ τῆς παλαίστρας θοιμάτιον ὑφέιλετο.

Discíp. Tendo espalhado sobre a mesa uma cinza fina, dobrado um espeto e depois tendo-o usado como um compasso, ele roubou o manto da palestra.²²

²² Maria de Fátima Sousa e Silva e Custódio Mangueijo (2006, p. 342, nota 72), em nota à tradução feita aos versos citados, dizem que “a explicação do discípulo escapa-nos em boa parte. Estou [*sic*] em crer que se trataria dum episódio jocoso, recente e bem conhecido do público. Ou então tratar-

A visão de Sócrates proposta pelo comentário feito por um de seus discípulos na comédia como sendo alguém que beira ou senão se encontra propriamente em estado de miséria acaba por contradizer o próprio Aristófanes, visto que, ao incluir o sábio e denominá-lo cabeça do grupo dos sofistas, tornou inconcebível o fato de alguém que realmente cobrasse caro por seus ensinamentos, como os sofistas, não tivesse uma vida próspera ou, ao menos, digna para a época. Vale ainda ressaltar que o Sócrates retratado nas obras de Platão (428 – 347 a.C.) e Xenofonte (428 – 355 a.C.), embora não cobrasse por seus ensinamentos, poderia não ser rico, todavia também não era demasiadamente pobre para ser assolado pela fome ou por um aspecto miserável.

Como se não bastasse, o filósofo, além de retratado como mero especulador de coisas banais ou ladrão, é descrito como alguém que tem aversão a sapatos e que carrega sobre si uma palidez bastante peculiar, como já referido, advinda da vida reclusa no cativo intelectual por ele presidido (v. 103), sem vida esportiva, sem experimentos ao ar livre ou sem higiene pessoal, como se infere do passo em que o herói cômico Estrepsíades, ao falar com seu filho Fidípides, nos deixa escapar que Sócrates e sua equipe de sofistas parecem não simpatizar nem com o banho, nem com o untar dos corpos e nem com os cortes de cabelo:

Στ. Εὐστόμει
καὶ μηδεν εἰπης φλαῦρον ἄνδρας δεξιούς
καὶ νοῦν ἔχοντας, ὧν ὑπὸ τῆς φειδωλίας
ἀπεκείρατ' οὐδείς πώποτ' οὐδ' ἠλείψατο
οὐδ' εἰς βαλανεῖον ἦλθε λουσόμενος· σὺ δὲ
ὡσπερ τεθνεώτος καταλόει μου τὸν βίον.
Ἄλλ' ὡς τάχιστ' ἔλθων ὑπὲρ ἐμοῦ μάνθανε.²³

Estrep. Pronuncia palavras de bom augúrio!
Não fale mal de homens corretos
e ajuizados, entre os quais, por economia,
nenhum corta o cabelo, nem se unta
e nem vai ao balneário para lavar-se; mas tu,

se-ia dum truque de diversão usado pelos larápios, e aproveitado por Sócrates; ou então, com longas demonstrações de geometria, o tempo ia passando."

²³ Segundo Gripp (2009, p. 30), podemos compreender a invectiva feita pelo comediógrafo com relação à abstinência de banho do mestre do pensatório e de seus discípulos com base na "descrição de um Sócrates extremamente frugal, uma vez que no século V a.C. o hábito de frequentar os banhos públicos era considerado uma característica de extremo luxo".

como se eu tivesse morrido, desperdiça a minha vida.
Pois bem, vai o mais rápido possível e aprende em meu lugar!

(*Nuvens*, vv. 835 – 9)

Segundo Fernando Delibes (1996, p. 341), embora a palidez não fosse um traço exclusivo de Sócrates na peça *Nuvens*, mas de todos os que se encontravam no Pensatório, diferentemente de como o sábio é apresentado por Aristófanes, o retrato do filósofo proposto pelo discípulo Platão e pelo historiador Xenofonte é de alguém que fazia experimentos ao ar livre e que visitava seus amigos, chegando, ainda, a defender a prática desportiva. Essa palidez traduz, sobretudo, uma debilidade física de que não dispunha o filósofo, pois destoa veementemente da força que o sábio possuía até mesmo para fazer seus experimentos na peça – como se içar num cesto –, e ainda torna inconcebível que alguém nessas condições de vida pudesse manter-se vivo durante todo esse tempo.

Analogamente, Gripp (2009, p. 30) alega que não foi ao acaso que Aristófanes caracterizou Sócrates como alguém desleixado, pois o próprio filósofo apresentava vestimentas demasiadamente simplórias e que isso pode ser atestado pela existência de “quase um *locus communis*, especialmente na obra de Platão” no qual se pode encontrar uma descrição do mestre “como uma figura de aparência rude ou desagradável”. Todavia, Gripp esclarece que a descrição de Sócrates feita por seu discípulo pode ser destoante devido, entre outros fatores, “às filiações aristocráticas de Platão”.

Com tantas inquietudes intelectuais, o Sócrates de *Nuvens* cai numa espécie de ateísmo sem medidas, não só por negar a existência – incluindo neste caso o soberano Zeus – e desautorizar os atos das divindades do Panteão grego, mas também por incluir nele novas divindades, tais como as *Nuvens*, as quais seriam responsáveis, segundo o Sócrates de Aristófanes, pelo fenômeno das chuvas. E para invectivar o sábio como não sendo piedoso para com os deuses, o comediógrafo, ao fazer especificar o filósofo como sendo de um determinado demo, o retrata como sendo de outro demo e não Atenas que é o seu próprio, isto é, ele o referencia como sendo pertencente ao demo de Melos, em alusão ao filósofo Diágoras de Melos que fora acusado de ateísmo:

Στ. Ἰμῶσας νυνὶ Δία.

Estrep. Agora mesmo tu juraste por Zeus.

Φε. Ἐγὼ γ’.

Fidíp. Sim!

Στ. Ὅρας οὖν ὡς ἀγαθὸν τὸ μαυθάνειν;
Οὐκ ἔστιν, ὦ Φειδιπίδη, Ζεὺς.

Estrep. Então, estás vendo como o aprender é bom?
Fidípides, Zeus não existe!

Φε. Ἀλλὰ τίς;

Fidíp. Mas quem é...?

Στ. Δίνος βασιλεύει τὸν Δί' ἐξεληλακῶς.

Estrep. Depois de ter expulsado Zeus, Turbilhão reina.

Φε. Αἰβῶί· τί ληρεῖς;

Fidíp. Ai de mim! Por que falas asneiras?

Στ. Ἴσθι τοῦθ' οὕτως ἔχον.

Estrep. Fica sabendo que é mesmo assim.

Φε. Τίς φησι ταῦτα;

Fidíp. Quem diz essas coisas?

Στ. Σωκράτης ὁ Μήλιος
καὶ Χαίρεφῶν, ὅς οἶδε τὰ ψυλλῶν ἴχνη.

Estrep. Sócrates de Melos e Querefonte,
que sabe sobre as pegadas das pulgas.

Φε. Σὺ δ' εἰς τοσοῦτον τῶν μανιῶν ἐλήλυθας
ὥστ' ἀνδράσιν πείθει χολῶσιν;

Fidíp. Mas tu chegaste a tal estado de loucura
que acreditas num homem maluco?

(*Nuvens*, vv. 826-831)

Por meio de seu herói cômico Estrepsíades, que após ter apanhado de seu filho e reconhecer que a educação, de extrema inversão de valores, oferecida ao jovem no Pensatório o deixara pervertido e extremamente hábil na arte discursiva, o comediógrafo dá um desfecho inesperado à peça: o velho camponês, mostrando-se indignado, incendeia o cativo dos mestres do saber, algo que sugere mais uma invectiva de Aristófanes à figura de Sócrates:

ΜΑΘΗΤΗΣ Α. Ἰοὺ ἰού.

Discíp. Ai, Ai!

Στ. Σὸν ἔργον, ὦ δῶς, ἶέναι πολλὴν φλόγα.

Estrep. Tua tarefa, ó tocha, é trazer intensa chama.

Μα. Ἄνθρωπε, τί ποεῖς;

Discíp. Homem, que estás fazendo?

Στ. Ὅ τι ποιῶ; Τί δ' ἄλλο γ' ἢ
Διαλεπτολογεῖσθαι ταῖς δοκοῖς τῆς οἰκίας;

Estrep. O que eu estou fazendo? O que mais há de ser senão trocar as traves da casa?

ΜΑΘΗΤΗΣ· Τίς ἡμῶν πυρπολεῖ τὴν οἰκίαν;

Discíp. Quem está incendiando a nossa casa?

Στ. Ἐκεῖνος οὐπὲρ θοιμάτιον εἰλήφατε.

Estrep. Aquele de quem vós roubaste o manto.

Μα. Ἀπολεῖς, ἀπολεῖς.

Discíp. Vais matar(-nos), matar(-nos)!

Στ. Τοῦτ' αὐτὸ γὰρ καὶ βούλομαι,
ἢν ἢ σμινύη μοι μὴ προδῶ τὰς ἐλπίδας
ἢ γὰ πρότερόν πως ἐτραχηλισθῶ πεσών.

Estrep. Pois é isso mesmo que eu quero, a menos que a tocha traia as minhas esperanças ou se antes eu caia e quebre o pescoço.

Σω. Οὗτος, τί ποιεῖς ἔτεόν, οὐπὶ τοῦ τέγους;

Σόκρ. Ei tu aí, o que estás fazendo, aí em cima do telhado?

Στ. Ἀεροβατῶ καὶ περιφρονῶ τὸν ἥλιον.

Estrep. Ando pelos ares e olho o sol aqui de cima.

Σω. Οἶμοι τάλας δέιλαιος, ἀποπνιγήσομαι.

Σόκρ. Ai de mim, desgraçado, vou morrer sufocado!

Μα. Ἐγὼ δὲ κακοδαίμων γε κατακαυθήσομαι.

Discíp. E eu, miserável, vou morrer queimado!

ΣΤ. Τι γὰρ μαθόντες τοὺς θεοὺς ὑβρίζετε
καὶ τῆς σελήνης ἔσκοπέισθε τὴν ἕδραν;
Δίωκε, πάει, βάλλε, πολλῶν οὐνεκα,
μάλιστα δ' εἰδῶς τοὺς θεοὺς ὡς ἠδίκουν.

Estrep. Com que sabedoria vós insultais os deuses
e investigais o assento da Lua?

Persegue, atira, bata por muitas razões,
e principalmente porque tu sabes que lhes ofendiam os deuses.

(*Nivens*, vv. 1493-1509)

Em síntese, ao final da peça, a escola sofística merece, segundo parece ser a concepção de seu autor, ser destruída, a fim de que ninguém do período de apresentação da peça e nem mesmo os jovens da posteridade pudessem ser corrompidos pelo modelo de educação ali propagado. Esse fim inesperado para a escola cujo mestre era Sócrates deve-se ao fato de que o autor Aristófanes se utiliza do personagem que ele mesmo transfigurou, de uma forma mordaz, para representar a condenação do grupo de sofistas. Na verdade, Estrepsíades incendeia o Pensatório punindo seus moradores como atitude que demonstra refreamento e recusa à educação lá propugnada, pois queimando o local onde poderiam ser feitas descobertas científicas, ele estaria, então, repondo o tradicionalismo, bem como devolvendo aos deuses a qualidade de seres superiores e importantes para a formação do povo grego.

4. *Considerações finais*

Como nosso maior objetivo era traçar, por meio da realidade transfigurada pelo autor cômico, o modelo escolar que vigorava na Atenas no final do século V a.C, podemos dizer que Aristófanes demonstra com a peça em pauta ser forte elemento representante dos antigos costumes, sendo defensor de uma antiga Atenas onde os sofistas não deveriam ter espaço.

Mesmo com todo o olhar de degradação cômica fornecido por Aristófanes, somos obrigados a reconhecer que a educação sofística, a qual ele tanto invectivara, trouxera numerosos ganhos para a sociedade em geral e que não podem ser refutados. Isso porque, sem a implementação educativa dos sofistas, talvez hoje não existissem os estudos universitários ou o grande interesse de busca pelo conhecimento.

Sentimo-nos, em outro momento, inclinados a concordar com Marc-Jean Alfonsi (In: ARISTOPHANE, *Théâtre Complet I*, 2002, p. 148) em cujo comentário à edição francesa da obra postula existirem duas peças em *Nuvens*. Uma primeira, na qual vemos o velhaco Estrepsíades inserir-se no Pensatório, o que confere maior comicidade à peça, e uma segunda, em que presenciamos a inserção de Fidípides, seu filho *playboy* – embora não queiramos ser anacrônicos –, no mesmo *locus* educativo. Nessa segunda parte, por meio de cenas cômicas justapostas sempre associadas a uma principal, estão balizadas as críticas mais contundentes feitas por Aristófanes à educação sofisticada e a outros aspectos e personalidades pertencentes à sociedade da época. Esses elementos, alvos das críticas mordazes do comediógrafo, eram de conhecimento do público em geral, pois, sem sombra de dúvidas, era preciso ter conhecimento da situação para poder rir.

Com base em nossas análises, sem dúvida, por meio da peça *Nuvens*, temos uma visão ampla – ainda que por meio de um estilo exacerbado de mordacidade – do que se passava em muitas mentes do século V a.C., quando ocorreu a instituição da educação sofisticada na *pólis* ateniense.

Assim, com base na representação caricatural de um homem rude e de um filósofo, presenciamos na obra em pauta o contraste entre uma educação tradicional, defendida por Estrepsíades, e uma educação moderna, encabeçada por Sócrates.

A ironia, as invectivas, as substituições de nomes ou termos os quais dão suporte à sátira fizeram-nos perceber quão grande foi a capacidade de sintetização de Aristófanes, a qual gerou em nós, sobretudo, uma necessidade maior de entendimento da realidade dos sujeitos inseridos em cada espaço dessa peça. Em termos conclusivos, vemos em *Nuvens* uma mistura de elementos estruturais os quais, numa leitura anacrônica, poderiam ser entendidos como surreais – e, por vezes, até o são, como no caso de uma lagartixa “cagar” na boca de Sócrates –, mas que no contexto de apresentação da peça adquiriram encadeamento na ideia do público, pois como já se sabe, este era conhecedor da realidade invectivada naquela grandiosa e inigualável apresentação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓFANES. *Comédias I*. Introdução, tradução do grego e notas de Maria de Fátima Sousa e Silva e Custódio Manguelijo. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

ARISTÓFANES. *Nuvens*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1968.

ARISTHOPHANE. *Théâtre complet I. Les Acharniens – Les Cavaliers – Les Nuées – Les Guêpes – La Paix*. Traduction, introduction, notices et notes par Marc-Jean Alfonsi. Paris: Garnier Frères, 2002.

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire grec-français*. 48. ed. Paris: Hachette, 1996.

BOWIE, A. M. *Aristophanes: Myth, Ritual and Comedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

DELIBES, Fernando Souto. La figura de Sócrates en la comedia ateniense. In: EIRE, Antonio Lopéz (Ed.). *Sociedad, Política y Literatura: Comedia Grega Antiga, Actas del I Congreso Internacional*. Salamanca: Logo, 1996, p. 339-345.

FERNÁNDEZ, Luis Gil. *Aristófanés*. Madrid: Gredos, 1996.

LESKY, Albin. *História da literatura grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. 9 rev. ad. ed. New York: Oxford Clarendon Press, 1996.

FINLEY, Moses I. *Os gregos antigos*. São Paulo: Edições 70, 1977.

GRIPP, Bruno Salviano. *Além das nuvens: crítica à filosofia nos fragmentos da comédia antiga*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

GUTHRIE, W. K. C. *Os sofistas*. São Paulo: Paulus, 1995.

JAEGER, Werner. *Paideia – A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

JÚNIOR, Manuel Alexandre. A retórica: um saber interdisciplinar. *Anais do Congresso Internacional sobre Interdisciplinaridades*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2004, p. 1-16.

NAVARRO GONZÁLEZ, J.L. La estructura interna del héroe cómico. *Cuadernos de Filología Clásica XV*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1978, p. 133-166.

PFEIFFER, R. *History of classical scholarship. From the beginnings to the end of the Hellenistic age*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

PLATÃO. *Diálogos. Teeteto-Crátilo*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2001.

PLATÃO. *Mênon ou Da virtude* – Cadernos culturais. Tradução, prefácio e notas de A. Lobo Vilela. 2. ed. Lisboa: Inquérito, [s./d.].

RIBEIRO FERREIRA, José. *A Grécia antiga: sociedade e política*. Lisboa: Edições 70, 1992.

ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. *Estudos de história da cultura clássica*. V. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

SOUSA E SILVA, Maria de Fátima. As *nuvens* de Aristófanes: um texto fundador do teatro científico europeu. *Biblos*, n.s. VI. Coimbra, 2008, p. 57-72.